

# A FASCISTIZAÇÃO DA INDIGNAÇÃO: AS MANIFESTAÇÕES DE 2015 NO BRASIL

Natalia SCARTEZINI\*

**RESUMO:** Este artigo visa contextualizar e analisar as manifestações pró-impeachment de 2015 no Brasil. Indica-se que tais manifestações e o caráter altamente reacionário delas são resultantes de um movimento político-ideológico de cooptação das classes médias empreendido pela oposição à direita do governo da presidenta Dilma Rousseff desde 2013. Parte-se da perspectiva de que uma parcela significativa dos manifestantes das Jornadas de Junho de 2013, por seu caráter despolitizado e apartidário, foi decisiva para compor as grandes manifestações de 2015 engrossando, todavia, um coro reacionário com nítida inspiração fascista. Neste artigo busca-se estabelecer a conexão entre as ondas de protestos vivenciadas no país de 2013 a 2015 indicando seus pontos de dissonância, mas centrando a análise naquilo que as une de alguma forma: seu caráter apartidário, espaço aberto deixado pela esquerda e habilmente manipulado pela extrema-direita. Busca-se, por fim, compreender como a revolta fascista é um recurso utilizado pelos setores da extrema-direita em tempos de crise econômica e hegemônica como fonte mobilizadora das massas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manifestações. Impeachment. Fascismo. Fascistização da indignação.

## A crise política, o colapso econômico e as primeiras sublevações

Nos dias 15 de março, 12 de abril e 16 de agosto de 2015, a direita nacional saiu às ruas. Ocorrendo concomitantemente em várias cidades do Brasil, os protestos contaram com a participação de cerca de 2 milhões de pessoas que

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – Pós-graduação em Ciências Sociais. Marília – SP – Brasil. 17.525-000 - nscarod@hotmail.com.

exigiam, em linhas gerais, o fim da corrupção e o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Bradando palavras de ordem como “Fora PT” e “Lula nunca mais”, centenas de manifestantes marcaram presença ao longo destes dias nas principais emissoras de televisão nacionais que cobriram os atos com recorrentes chamadas ao vivo.

Desde 2013, diferentes grupos compuseram um movimento amorfo, espontâneo e pouco organizado que saiu às ruas demonstrando intensa insatisfação com o estado de coisas vigente. As primeiras manifestações deste período diziam respeito às reivindicações dos grupos estudantis representados, sobretudo, pelo Movimento Passe Livre. Estas manifestações tomaram as ruas, exaltaram os ânimos e demonstraram uma alta capacidade de incomodar alguns setores da sociedade e da política brasileira.

O contexto de emergência das manifestações de 2013 não poderia ser mais propício. Encerrando o período “ameno” da crise no Brasil - a “marolinha”<sup>1</sup> -, a segunda metade do primeiro mandato do governo Dilma Rousseff foi marcada pela intensificação dos efeitos da crise do capitalismo mundial que implodiu o sistema financeiro estadunidense e se espalhou pelo resto do globo, causando efeitos severos às economias europeias, sobretudo. Os bons indicadores sociais não refletiam exatamente o cotidiano da população. O esgotamento do padrão de consumo da “nova classe média” - incentivado como política de governo desde 2002 -, bem como a degradação das condições de vida da classe trabalhadora, ditaram a tônica econômica e social daquele ano.

A crise econômica vinha, portanto, encerrar um longo ciclo de uma política de conciliação de classes empreendido pelo Partido dos Trabalhadores. Com sua política típica-burguesa que proporcionou um aumento exponencial do lucro dos bancos, das empreiteiras, das montadoras, etc, o PT conseguiu legitimação popular ao instituir políticas sociais compensatórias que amenizavam os efeitos de seu neodesenvolvimentismo. Todavia, essa conciliação, além de deletéria para a consciência da classe trabalhadora, foi efêmera em duração.

As consequências foram o agravamento dos problemas sociais com o consequente aumento da insatisfação social; o descrédito nas institui-

---

<sup>1</sup> Referência à célebre declaração do ex-presidente Lula, em outubro de 2008, na qual afirmou: “Eu estou muito confiante de que a crise americana, se ela chegar aqui (*sic*), lá ela é um tsunami, aqui ela vai chegar uma marolinha que não dá nem pra esquiatar (*sic*)”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nX0Q2a4w6Ao>>. Acesso em: 2 mai. 2016.

ções políticas; a despolitização, a alienação e o apassivamento da maioria da população; a confusão ideológica e política; a percepção da enorme desigualdade social, pois enquanto alguns poucos (bancos, empreiteiras, montadoras, agronegócios, etc.) enriqueciam, a maioria da população via aumentar muito pouco a sua participação na riqueza gerada. Tudo isso, agravado, nos últimos meses, pelo aumento da inflação, pela deterioração nos serviços públicos e por gastos bilionários com a construção e reforma de estádios de futebol. (TONET, 2014, p.22).

Conhecidas como as “Jornadas de Junho”, as manifestações de 2013 marcaram o retorno maciço das massas às ruas do país, compondo imensas manifestações inauditas desde as Diretas Já e o impeachment de Fernando Collor de Mello. Os dados dão conta de que cerca de 1,5 milhão de manifestantes participaram dos protestos naquele mês no Brasil, em 438 cidades brasileiras (PROTESTOS..., 2016a). O “Gigante” havia acordado.

Maurício Gonçalves afirma, sobre as Jornadas de Junho e a crise latente do período, que:

É provável – é com esta tese que estou trabalhando – que as jornadas de junho tenham sido a expressão mais aparente das contradições intrínsecas do próprio modelo de neodesenvolvimento levado a cabo no Brasil nos últimos 10 anos. Não apenas das contradições, mas do início de um processo de exaustão do modelo. (GONÇALVES, 2014, p.166).

Centenas de milhares de jovens, que nunca antes haviam participado de nenhum ato ou manifestação política se puseram em marcha, movidos por um incômodo pouco preciso contra “tudo o que está aí”, contra “a política”, contra “a corrupção”, contra “os gastos da Copa”, por melhores condições de saúde e educação. A indignação contra o aumento do preço das passagens de ônibus, metrô e trens em São Paulo transfigurou-se numa insatisfação generalizada com a ordem política e espalhou-se, movendo uma massa de jovens pouco ordeira pelas ruas do país.

O incômodo político-institucional causado pelas Jornadas foi enorme e inesperado, a ponto de ser necessária a aplicação de toda a repressão policial disponível nas grandes metrópoles. Segundo André Singer (2013), “[...] o uso desmedido da força atraiu a atenção e a simpatia do grande público. Agora, outras frações da sociedade entram espontaneamente em cena, multiplicando

por mil a potência dos protestos, mas simultaneamente tornando vagas as suas demandas.”<sup>2</sup>

Mas o ponto que garantia às Jornadas sua força de movimentação – a ausência de organização centralizada e de um programa bem definido – também foi seu calcanhar de Aquiles. A vacuidade das reivindicações juvenis logo foi transfigurada numa insatisfação profunda com o Governo Federal. A boa sensação de cumprir com o seu dever cívico ao marchar em bloco contra bandeiras genéricas, mostrou-se muito útil a interesses políticos não vinculados originalmente às manifestações. O Gigante havia acordado e foi rapidamente cooptado.

Como resultado de todo o processo acima descrito, não é de admirar que, neste momento [referindo-se a junho de 2013], haja uma enorme confusão ideológica e política. Também não é de admirar que não haja clareza quanto aos objetivos a médio e longo prazo. Do mesmo modo, não é de admirar que os reacionários e conservadores procurem direcionar esse movimento para seus fins. O surgimento de movimentos fascistas, integralistas, nazistas não é algo estranho a estas situações. Isto já foi visto em outros momentos históricos. [...] A falta de um maior esclarecimento acerca das causas mais profundas dos problemas sociais, pode facilmente tornar essas massas presas de grupos reacionários e/ou de indivíduos “salvadores”. (TONET, 2014, p.23).

Denian Melo também indica este movimento:

---

<sup>2</sup> “Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas: “Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação”, “Queremos hospitais padrão Fifa”, “O gigante acordou”, “Ia ixcrever augu legal, maix fautô edukssão”, “ Não é mole, não. Tem dinheiro pra estádio e cadê a educação”, “Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio”, “Todos contra a corrupção”, “Fora Dilma! Fora Cabral! pt = Pilantragem e traição”, “Fora Alckmin”, “Zé Dirceu, pode esperar, tua hora vai chegar”, foram algumas das inúmeras frases vistas nas cartolinas. Diversos outros temas também compareceram, como a atuação do deputado Feliciano (psc-SP) na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, a Proposta de Emenda Constitucional 37, vetando a possibilidade de o ministério público fazer investigações independentes, o voto distrital e o repúdio aos partidos. Um pouco daquele “que se vayan todos” argentino de 2001 apareceu no ambiente. A depredação de edifícios públicos (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, Congresso Nacional, Itamaraty) pareceu ser expressão de um clima de repúdio aos políticos em conjunto. (...)Na terceira e última etapa, que vai do dia 21 até o final do mês, o movimento se fragmenta em mobilizações parciais com objetivos específicos (redução de pedágios, derrubada da pec 37, protesto contra o Programa Mais Médicos, etc.). Por exemplo, em São Paulo, uma passeata contra o Projeto de Emenda Constitucional 37 reuniu cerca de 30 mil pessoas no sábado, 22. Na mesma tarde, em Belo Horizonte, perto de 70 mil pessoas protestaram contra os gastos para a Copa diante do jogo entre Japão e México. Ainda sob o impulso da força liberada na segunda fase, mas já separadas por inclinações diferentes, as manifestações começam a se dividir, como um rio que se abraça em múltiplos braços no descenso da montanha.” (SINGER, 2013).

Sabe-se que depois da brutal repressão de 13 de junho [de 2013] na Avenida Paulista, a mídia direitista, que até então alardeava que tudo aquilo não passava de um movimento de “baderneiros” e “vândalos”, “que não valiam nem vinte centavos!”, passou a “apoiar” o movimento. E é verdade que na semana de 17 a 21 de junho, entre os milhões que saíram às ruas contra o aumento das passagens no transporte público estavam muitos grupos de direita. E enquanto a esquerda (incluído o MPL) era expulsa com suas bandeiras vermelhas naquela semana, uma multidão com as cores a seleção de futebol entoava o hino nacional em frente a sede da FIESP. É claro que sem bandeiras que não fossem as do Brasil, a direita se misturou à massa popular e disputou a direção do processo com ajuda preciosa da mídia, que elevou a enésima potência a histeria contra partidos de esquerda e lhe deu uma agenda. (MELO, 2015, p.4).

Forma típica da ação política no capitalismo, a cooptação dos elementos contestatórios pouco articulados não é novidade. Boa parte da conquista e perpetuação hegemônica do sistema capitalista diz respeito à sua capacidade em manejar, cooptar e anular qualquer evento, ação política, forma cultural que demonstre possuir alguma capacidade contestatória, alguma fagulha que possa incinerar o sistema sociometabólico do capital. Antonio Gramsci (2002) denominou este procedimento como “transformismo”, ou seja, um fenômeno de cooptação com o qual as classes dirigentes conseguem chegar e manter-se no poder através da absorção dos grupos antagônicos.

Parte significativa dos jovens que saíram às ruas em junho de 2013 sem saber muito bem contra o que lutavam foram convencidos por grupos – estes sim – bem organizados de que o maior inimigo da nação e do sonho de um país melhor era o governo Federal, especificamente Dilma Rousseff e o seu partido político. Todavia, vale salientar aqui o perfil dos manifestantes que engrossaram as fileiras das manifestações de 2013 e de 2015.

Ambos os blocos de manifestações possuem sensíveis diferenças com relação às suas bases sociais: a base social das Jornadas de Junho era consideravelmente mais popular, com um maior índice de negros e de pessoas com apenas o ensino fundamental completo<sup>3</sup>; já em 2015, a base dos manifestantes era mais

---

<sup>3</sup> O perfil dos manifestantes das Jornadas de Junho de 2013 foi majoritariamente jovem e de classe média. O índice de manifestantes com idade de 12 a 35 anos chegou a 82% em São Paulo, a 80% no Rio de Janeiro e a 84% em Belo Horizonte. Entre os manifestantes, o nível de escolaridade se demonstrou alto. Em São Paulo, apenas 1% dos manifestantes tinha apenas o Ensino Fundamental, 20% tinha concluído apenas o Ensino Médio, enquanto 78%

branca, mais rica e mais instruída.<sup>4</sup> Poderíamos resumir dizendo: ainda que uma considerável parcela da classe média urbana tenha participado dos dois momentos históricos, em 2013 foram às ruas a classe média e a classe média-baixa proletarizada, enquanto em 2015 foram às ruas a classe média e a pequena burguesia. Essa diferença na composição da base social será fundamental para a compreensão da notável guinada à direita com vias à fascistização das manifestações de rua no Brasil. Mas, mais fundamental do que a diferença na composição social dos manifestantes, serão as suas similitudes: será a classe média urbana altamente despolitizada e sem nenhum histórico de militância política a parcela decisiva da sociedade brasileira nesta mudança do eixo programático dos protestos.

As eleições em 2014 demonstraram a toada maniqueísta presente no debate político: a dicotomia insuperável entre petistas e antipetistas. De ambos os lados, a análise dialética da situação política e econômica nacional era inexistente. Os presidenciáveis receberam igualmente a aura de salvadores ou de inimigos da nação. O debate raso, permeado de afrontas pessoais e pessoalizando a atividade política, já dava mostras do que estaria por vir.

Eleita com 51,64% dos votos válidos, Dilma Rousseff inaugurou o seu segundo mandato nomeando figuras como Kátia Abreu para o Ministério da Agricultura e Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda. A escolha dos ministros foi explicada pela política econômica posta em prática logo em seguida: o arrocho havia retornado à esfera político-econômica brasileira. O lema de seu segundo mandato “Brasil: pátria educadora” tergiversava bem as políticas empregadas tendo em vista que a Educação foi a pasta que mais sofreu com os cortes orçamentários: R\$ 7 bilhões anuais (PRIORIDADE..., 2015). A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) sofreu um corte de 75% nas verbas repassadas pelo governo federal (CAPES..., 2015). As uni-

---

tinha ensino superior (completo ou incompleto). No Rio de Janeiro, estes dados se mostraram mais homogêneos: 14% com apenas Ensino Fundamental, 52% com apenas Ensino Médio e 34% com Ensino Superior. No que tange à renda familiar, o perfil dos manifestantes das Jornadas de Junho foi o seguinte: no Rio de Janeiro, 34% recebia até 1 salário mínimo, 54% recebia de 2 a 5 salários mínimos e 10% recebia mais de 10 salários mínimos. Em Belo Horizonte, 20% recebia até 1 salário mínimo, 36% recebia de 2 a 5 salários mínimo e 21% recebia mais de 10 salários mínimos. Segundo André Singer, estes dados representam uma nova classe trabalhadora com maior grau de educação formal - fruto das políticas educacionais do governo petista -, mas que, ao fim e ao cabo, continua sob a influência da precarização do trabalho; fato que explicaria, uma alta escolaridade acompanhada por baixas rendas familiares. “Isso reforça a impressão de que havia, sim, um contingente de classe média nas manifestações, mas ele não respondia pelo todo.” (SINGER, 2013).

<sup>4</sup> Mais de 70% dos manifestantes que saíram às ruas no dia 16 de agosto de 2015 em São Paulo são de cor branca, quase metade tem renda familiar superior a 7 mil reais mensais e cerca de 65% tem ensino superior completo (TRUFFI, 2015).

versidades federais sofreram um corte de 30% (UNIVERSIDADES..., 2015). Por sua vez, o FIES (Financiamento Estudantil) - carro-chefe da política petista nos últimos anos -, foi cortado pela metade já nas primeiras semanas do segundo mandato da presidenta Dilma (BOF, 2015).

Evidentemente que a Educação não foi a única pasta a sofrer bruscas reduções de orçamento. O PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e o Minha Casa Minha Vida tiveram um corte de R\$ 26 bilhões (CORTE..., 2015). Até mesmo o Bolsa Família, que havia sido anunciado como imune aos cortes orçamentários durante a campanha presidencial, não passou impune: sofreu um corte de R\$ 800 milhões já em meados de 2015 (JERONIMO, 2015).

Implementando uma política econômica que em nada deixaria a desejar ao seu concorrente nas eleições de 2014, Dilma tem emplacado os piores índices dos últimos anos. O país adentrou oficialmente em uma recessão econômica de 1,1% do PIB (pior índice desde 2009) e atingiu uma inflação de 9% ao mês (mais alta desde 2002) (MARTELLO; CRUZ, 2015). O desemprego no segundo semestre de 2015 é o maior desde 2012, alcançando a taxa de 8,3% da população (CAOLI; CAVALLINI, 2015). A “marolinha” virou maremoto.

Além da crise econômica, o governo protagoniza desde 2014 uma grande investigação da Polícia Federal sobre a corrupção no país, a conhecida Operação Lava Jato.

Eleita com pouco mais de 51% para o seu segundo mandato, Dilma Rousseff emplacou após a aplicação do pacote de ajustes econômicos os piores índices de aprovação desde o governo Collor: entre 7% e 10% (LIRIO, 2015; PESQUISAS..., 2015).

Com este cenário não foi difícil mobilizar um expressivo número de manifestantes contra o governo. A satisfação em mobilizar-se vivenciada por significativa parcela da classe média brasileira em 2013 foi invocada neste momento. O Gigante foi novamente às ruas. E o alvo instalou-se sobre o governo de Dilma Rousseff. Forma democrática e justa de manifestação popular, não fosse seu caráter altamente fascista.

## **O teor dos protestos de 2015: a direita vai para as ruas**

Percebe-se nitidamente uma mudança no eixo das reivindicações: se em 2013 elas giravam em torno de medidas impopulares como o aumento do valor das passagens do transporte público; no ano de 2015 circundavam notadamente o espectro antipetista. A indignação com a política, com a corrupção e com a

limitação ao acesso a bens de consumo passaram a determinar a tônica dos protestos. O mote tornou-se “Fora PT” e “Fora Dilma”.

Outra mudança significativa foi o apoio de diferentes setores da política e da sociedade às manifestações. Se em junho de 2013 os protestos foram marcados por uma intensa repressão policial com dezenas de prisões; em 2015 os protestos foram marcados pela cena de manifestantes tirando “selfies” com os policiais. Se em 2013 as catracas do metrô de São Paulo foram fechadas e cercadas por policiais a fim de evitar que os manifestantes as evadissem (o que gerou intenso confronto nas estações do metrô) (MANSO; RIBEIRO; ZANCHETTA, 2013); em 2015 estas mesmas catracas foram liberadas aos manifestantes vestidos de verde-amarelo (LONGO, 2015).

Influentes desde o final de 2013, alguns grupos de oposição à direita do governo despontaram em 2015 como os grandes organizadores das imensas manifestações assistidas neste ano. Grupos como “Vem pra Rua”, “Movimento Brasil Livre” e “Revoltados Online” lideraram todos os protestos antigoverno assumindo, literalmente, o vácuo deixado pelos movimentos e partidos de esquerda durante e após as manifestações de 2013. Liderados por jovens de classe média e alta e com alta instrução acadêmica, estes novos movimentos sociais representam com algum grau de precisão o perfil do manifestante dos protestos de 2015: homem, jovem, branco, classe média, “apartidário” ou “suprapartidário” e com um grau de politização bastante questionável.

O Movimento Brasil Livre se define como um “movimento plural” pautado na ideia de que “um governo deve servir para unir o seu povo, e não criar divisões artificiais. Deve tratar as pessoas como cidadãos, e não como súditos ou peças descartáveis de um jogo de tabuleiros a serem manipuladas”. Exige o fim da corrupção, da impunidade, do desrespeito às instituições democráticas e ao império da lei. Reivindica uma imprensa livre, a liberdade econômica com um “mercado livre de regulações abusivas e impostos escorchantes”, a separação dos poderes com “instituições independentes, livres da ingerência sufocante de partidos totalitários”, eleições livres e idôneas, e ainda, o fim dos subsídios diretos e indiretos a ditaduras<sup>5</sup>.

O Movimento Revoltados Online se define como “uma organização de iniciativa popular de combate ao corruptos (*sic*) do poder”, e ainda, como “a tentativa do ser humano de fazer valer o seu valor (*sic*), contra tudo aquilo que

---

<sup>5</sup> Disponível na página do Movimento Brasil Livre.



o humilha”. E reivindica: “queremos nosso Brasil fora das mãos sujas de corruptores e de mensalões”.<sup>6</sup>

O Movimento Vem Pra Rua, por sua vez, se caracteriza como “o palco de todos os brasileiros - das mais variadas etnias e orientações, idades e de todos os lugares do país - que estão indignados e querem protestar contra o governo, contra a falta de ética e as mentiras que são contadas diariamente a todos nós, contra os políticos corruptos, através de grandes manifestações cívicas, sempre ordeiras e pacíficas”. Pautado por “valores democráticos e republicanos, espontâneo e supra-partidário”, o Movimento Vem Pra Rua anseia “resgatar a esperança sequestrada pela corrupção, exigir mais eficiência e transparência no gasto público e defender a redução da carga tributária e da burocracia”. Seu manifesto afirma que:

País rico é aquele em que seus cidadãos não têm medo de lutar por seus direitos, dentro da legalidade, respeitando o Estado de Direito. É onde a liberdade econômica é estimulada e o Estado não é maior que o necessário, a fim de que o empreendedorismo e a livre iniciativa gerem riquezas e oportunidades para todos. Acreditamos na força do povo brasileiro, na sua capacidade inventiva, na sua generosidade e no seu trabalho – e num Estado que garanta minimamente segurança, educação básica, saneamento básico e saúde pública para todos. Queremos menos impostos e mais Brasil. Queremos uma sociedade que ofereça igualdade de oportunidade a todos, sem distinção. Queremos mais concorrência e menos clientelismo<sup>7</sup>.

O manifesto do Movimento Vem Pra Rua faz questão de deixar registrado que é “contra qualquer tipo de violência” e que condena “qualquer tipo de extremismo (separatismo, intervenção militar, golpe de Estado)” e não compactua com governos autoritários. Advertência pouco profícua, já que o que mais se viu ao lado das faixas de “Fora Dilma” foram os pedidos de “Intervenção Militar Já”.

Ainda que 71% dos manifestantes tenha se declarado contrário à Intervenção Militar, é impossível não se atentar para o fato de que expressivos 29% deles sejam favoráveis à volta da Ditadura no Brasil (TRUFFI, 2015). A preocupação com a “ameaça comunista” também se fez presente nestas manifestações e foi uma das justificativas do anseio pelo retorno dos militares ao poder.

---

<sup>6</sup> Disponível na página Revoltados Online no Facebook.

<sup>7</sup> Citações disponíveis na página do Movimento Vem pra Rua.

Ponto importante sobre estas manifestações é justamente a dissonância entre o discurso liberal dos grupos que as organizaram e pensamento dos seus manifestantes. Segundo pesquisa feita por Paulo Ortellado e Lucia Nader para o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da USP, a maioria dos entrevistados nestas manifestações é favorável aos serviços médicos e educacionais públicos gratuitos ainda que cerca de 80% sejam favoráveis à redução da carga tributária no país. Segundo a pesquisa, “[...] praticamente todas as pessoas que foram protestar na Avenida Paulista, aproximadamente 96,80%, estão insatisfeitas com a política no Brasil. Mas a maioria delas, ou 64,20%, pensa que a solução para a crise política é ‘entregar o poder para um político honesto’.” (TRUFFI, 2015).

Realmente, o senso comum prevalecente nas manifestações parecia ser exatamente o de tirar o PT do governo e entregá-lo a “bons políticos”, a pessoas “não-corruptas” ou mesmo aos militares. O juiz Sérgio Moro, conhecido por estar à frente dos julgamentos da operação Lava Jato, foi exaltado durante os protestos. Outros figurões como Eduardo Cunha e até mesmo José Sarney também foram exaltados.

Segundo Ortellado, Solano e Nader (2015):

56% [dos manifestantes do dia 16 de agosto de 2015] concordam totalmente ou em parte que para solucionar a crise é preciso entregar o poder para alguém que esteja fora do jogo político. 28% concordam totalmente ou em parte que a solução é entregar o poder para os militares e 64% para um juiz honesto. Por outro lado, 77% concordam total ou parcialmente que é preciso ampliar a participação por meio de mecanismos como o plebiscito e 59% por meio do fortalecimento de ONGs e movimentos sociais.

Mas dentre todas as bandeiras e reivindicações dos manifestantes, sem dúvida, foi o impeachment da presidenta Dilma Rousseff a mais unânime. Mesmo tendo sido eleita democraticamente apenas quatro meses antes das primeiras manifestações em março de 2015, Dilma Rousseff e o PT tornaram-se os alvos principais da indignação dos manifestantes vestidos de verde-amarelo: “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Lula nunca mais”, “CorruPTos” e “Impeachment Já” foram algumas das principais insígnias bradadas nas ruas nos dias 15/03, 12/04 e 16/08/2015.

Percebe-se também um alto nível de despolitização, um intenso discurso de ódio e - não raros os casos - explicitamente fascistas. Não é difícil notar,

portanto, um discurso de extrema-direita nestas manifestações, que poderíamos denominar como um processo de “fascistização da indignação” (PINASSI, 2014, p.30).

O jornal britânico *The Guardian* chamou os protestos de ‘manifestações da direita’ causadas por insatisfação crescente com a economia e com o escândalo de corrupção na Petrobras. Afirmou também que os protestos reuniram pessoas ‘mais velhas, mais brancas e mais ricas’ que os de 2013. A revista norte-americana *Forbes* chamou os protestos de ‘festival do ódio’. (PROTESTOS..., 2016b).

Fica ainda mais latente tal característica quando analisamos as manifestações deste ano a partir de um contexto histórico no qual: jovens são barrados na entrada dos shoppings da Zona Sul para se evitar a concretização do “rolezinho” (PM FAZ..., 2014); assaltantes são presos em postes e linchados por populares (CLETO, 2015); ocorre uma nova versão da Marcha da Família com Deus pela Liberdade (PINHO; SANTIAGO, 2014); professores são barbaramente alvejados durante manifestações por melhores condições de trabalho (MARANHÃO, 2015); jovens da periferia são apreendidos por estarem se encaminhando às praias da Zona Sul (HENRINGER; BARROS, 2015); 19 jovens são barbaramente assassinados na periferia de Osasco como retaliação pela morte de um Guarda Militar e um Policial Civil quinze dias antes (OSASCO..., 2015); tudo sob a aprovação dos comentaristas políticos, dos âncoras dos telejornais e da opinião pública.

Segundo Rosana Pinheiro Machado,

Se Celso Russomanno (PRB) e o Pastor Feliciano (PSC) não tivessem sido os deputados mais bem votados em São Paulo, e se o Rio de Janeiro não tivesse escolhido Jair Bolsonaro (PP) em primeiro lugar, eu poderia jurar que o deputado mais votado no Rio Grande do Sul, Luis Carlos Heinze (PP), que declarou que “quilombolas, índios, gays e lésbicas: tudo o que não presta” era um caso isolado de uma possível patologia gaúcha. Mas infelizmente não é. Desde junho de 2013, muito tem se falado em guinada à direita ou da onda conservadora. O que poucos mencionam, no entanto, com a devida clareza necessária, é que tem emergido uma multidão raivosa e fascista (PINHEIRO-MACHADO, 2014).

## O fascismo como solução em tempos de crise

Conforme indicamos acima, foi a classe média urbana altamente despolitizada, sem histórico de militância política e guiada por valores tradicionais-religiosos, a parcela social fundamental para o monumental alcance das manifestações de 2015. Este extrato de classe foi decisivo para a disseminação das bandeiras destas manifestações e se mostrou bastante atuante também nas ruas durante este período. E isto não nos causa espanto.

Leandro Dias, colunista do site Pragmatismo Político, relembra que a ascensão do fascismo no início do século XX ocorreu devido a “[...] uma profunda descrença na política, no jogo de alianças e negociatas da democracia liberal e na sua incapacidade de solucionar as crises agudas que seguiam ao longo dos anos 1910, 20 e 30.” e configurando-se, ainda, como “último refúgio dos conservadores (sejam de classe média ou da elite) contra o socialismo”. O autor faz ainda uma importante ressalva: o sucesso da emergência do fascismo se deu coadunado ao **medo das classes médias frente ao empobrecimento e a perda do status social, ou seja: medo de se proletarizar**. Para o autor, a estrutura social brasileira e sua história cultural possuem raízes que em muitos pontos se assemelham às estruturas socioculturais do fascismo do início do século XX.

Privilégios conquistados por herança ou “na amizade”, contatos pessoais, indicações, nepotismos, fiscalização seletiva e personalista; são todas marcas tradicionais de nossa cultura política. A lei aqui “não pega”, do mesmo jeito que para nazistas a palavra pessoal era mais importante que a lei. Há um paralelo assustador entre a teoria do *fuhrerprinzip* e a prática da pequena autoridade coronelista, à revelia da lei escrita, presente no Brasil. Talvez por isso, também tenhamos, como a base social do fascismo de antigamente, uma profunda descrença na política e nos políticos. [...] partes das classes médias tradicionais e a elite tem um ódio encarnado de “comunistas” [...] Esse argumento em essência é basicamente o mesmo de Adolf Hitler: o marxismo e o capital financeiro internacional estão combinados para destruir a nação alemã. (DIAS, 2014).

Esta classe média que ascendeu socialmente nas últimas décadas, se educou e se inseriu no mercado de consumo de bens importados e viagens internacionais, é uma fração de classe cuja maleabilidade ideológica é, em geral, mal utilizada pela esquerda. O mesmo não se pode dizer com relação à direita. A classe

média emergente configura-se invariavelmente como grande depositório dos ideais fascistas, sempre muito bem resgatados pelo capital quando conveniente. Sua cultura repressiva patriarcal, bem como sua aversão aos estratos mais baixos da sociedade e sua identificação passional com o estilo de vida da alta burguesia tornam as classes médias as maiores disseminadoras da ideologia fascista, sobretudo em momentos de crise econômica.

Sempre disposto a se adaptar à autoridade, o indivíduo da classe média acaba criando uma clivagem entre a sua situação econômica e a sua ideologia. A sua vida é modesta, mas tenta aparentar o contrário, chegando, frequentemente, a tornar-se ridículo. Alimenta-se mal e deficientemente, mas atribui grande importância a “andar bem vestido”. (REICH, 1988, p.56-57).

Wilhelm Reich, em “Psicologia de Massas do Fascismo”, afirma que a mentalidade típica do fascista é a “mentalidade do ‘Zé Ninguém’”, ou seja, do sujeito e do grupo que é “subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado”, que observou bem demais o comportamento do homem burguês e o reproduz (ou tenta reproduzir) de modo “distorcido e grotesco”. (REICH, 1988, p.13). Reich caracteriza o fascismo da seguinte forma:

[...] o “fascismo” não é mais do que a **expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio**, uma estrutura que não é o apanágio de determinadas raças ou nações, ou de determinados partidos, mas que é geral e internacional. Neste sentido caracterial, o **“fascismo” é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida**. É o caráter mecanicista e místico do homem moderno que cria os partidos fascistas, e não vice-versa. (REICH, 1988, p.11, grifo nosso).

Ou seja: o fascismo não é uma configuração nacional, específica de um determinado povo, mas sim específica de um determinado estilo de vida pautado na mecanização da sociedade industrial e no seu misticismo religioso como paradigma cultural. O fascismo seria, então, “[...] um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações.” (REICH, 1988, p.12).

Como o fascismo é sempre e em toda a parte um movimento apoiado nas massas, revela todas as características e contradições da estrutura do caráter das massas humanas: não é, como geralmente se crê, um movimento exclusivamente reacionário, mas sim um **amálgama de sentimentos de revolta e ideias sociais reacionárias**. (REICH, 1988, p.12, grifo nosso).

O caráter altamente anticomunista, irracional e, sobretudo, tradicionalista-religioso presente nas manifestações de 2015 são pontos em comum com as manifestações fascistas clássicas. E não seria por acaso. Para Reich, “o fascismo é a expressão máxima do misticismo religioso”. (REICH, 1988, p.13). Reich tem uma interpretação bastante heterodoxa sobre o movimento fascista. Para o autor, o fascismo é a expressão política e cultural de uma condição social altamente repressiva, sobretudo, sexualmente repressiva<sup>8</sup>. Assim, o fascismo seria o lado político da repressão sexual imposta pelas religiões de matriz cristã e pela subserviência e obediência impostas ao indivíduo pela família tradicional sob influência da moral religiosa. Portanto, as estruturas de socialização como a igreja e a família são fundamentais para a construção e reprodução das estruturas psíquicas das massas como estruturas “consentâneas com a ideologia das classes ou elites dominantes”. (BOBBIO; MATTEUCI; PASQUINO, 1988, p.473).

A religião teria um papel primordial neste processo de repressão sexual e enraizamento da subordinação na psicologia das massas. Segundo Reich, “todo o misticismo é reacionário, e o homem reacionário é místico”. (REICH, 1988, p.41). Os dogmas religiosos fixar-se-iam fundamentalmente sobre a repressão dos impulsos sexuais sadios (sobretudo nas mulheres e nas crianças). Esta condição haveria inaugurado a família tradicional e o patriarcado: estruturas sociais centrais para a consumação do indivíduo obediente, subserviente e conformado. Assim sendo, a família e a Igreja cumpririam o exercício de adestramento social muito caro à máquina do Estado. Segundo Reich, “É por isso que o Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas.” (REICH, 1988, p.44). E ainda:

---

<sup>8</sup> Wilhelm Reich traça sua obra com base no que ele chama de perspectiva da “economia sexual”, que segundo ele, “[...] nasceu das tentativas para harmonizar a psicologia profunda de Freud com a teoria econômica de Marx. A existência humana é determinada tanto pelos processos instintivos como pelos processos socioeconômicos.” Para Reich, “a psicanálise é a mãe da economia sexual e a sociologia é o pai.” (REICH, 1988, p.19).

Tanto a moralidade sexual, que inibe o desejo de liberdade, como aquelas forças que apoiam interesses autoritários, tiram a sua energia da sexualidade reprimida. Agora, compreendemos melhor um ponto fundamental do processo do “efeito da ideologia sobre a base econômica”: a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais. (REICH, 1988, p.46-47).

Sendo assim, a “proteção à família”, ou melhor, a este modelo patriarcal e autoritário de família conhecido como “família tradicional”, é o princípio básico de toda a política cultural reacionária. Reich cita uma passagem do Programa de governo de Hitler de 1932 na qual o Führer exalta a família:

[...] A sua [da família] destruição definitiva significaria o fim das características humanas mais sublimes. Por mais que se alarguem os campos de atividade da mulher, o fim último de uma evolução orgânica e lógica terá de ser sempre a constituição da família. Ela é a menor, mas a mais valiosa unidade na construção de todo o Estado. O trabalho honra tanto a mulher como o homem. Mas o filho enobrece a mãe. [...] Creio que um povo, para edificar a sua resistência, não deve viver unicamente de acordo com princípios racionais; também precisa de suporte, esteio espiritual e religioso, O envenenamento e a desintegração do corpo nacional pelos eventos do nosso bolchevismo cultural são quase mais devastadores do que os efeitos do comunismo político e econômico. (REICH, 1988, p.66).

Não foi incomum encontrar discursos de proteção à família nas manifestações de 2015, da mesma forma que não é incomum encontrá-los no cotidiano social hodierno. Esta exaltação à proteção da família é a principal bandeira das religiões neopentecostais que tem se disseminado pelo país nas últimas décadas. Também não nos surpreende que seja neste meio que os discursos mais agressivos, discriminatórios e reacionários tem se propagado, alcançando inclusive as instâncias da política institucional (MARCOS..., 2016) e parlamentar (GUERRERO, 2015)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Para mais informações, consultar os seguintes links:

<<http://noticias.gospelprime.com.br/bancadas-evangelicas-leis/>>;

<<http://guiame.com.br/gospel/noticias/criacao-da-frente-lgbt-na-assembleia-legislativa-e-barrada-por-bancada-evangelica.html#.VeShyflViko>>;

Reich reitera que a ascensão do fascismo ao governo com Hitler é a culminação de toda uma ideologia fascista já imbrincada no tecido social: o mérito de Hitler teria sido o de ser capaz de fazer a correta leitura destas configurações e fazer o discurso apropriado para canalizá-las para si.

Mas o êxito desta organização de massas [o nazismo] deve-se às próprias massas e não a Hitler. Foi a estrutura humana autoritária, que teme a liberdade, que possibilitou o êxito de sua propaganda. Por isso, a importância de Hitler, do ponto de vista sociológico resulta, não da sua personalidade, mas da importância que lhe conferem as massas. (REICH, 1988, p.52)

Antonio Gramsci, discorrendo sobre o fascismo na Itália, afirma que os elementos do fascismo já se encontravam presentes no seio da sociedade italiana. Assim sendo, teria sido o Estado a absorver o fascismo e não o contrário, assim como assevera Reich. Ou seja, o governo fascista é a expressão política de uma característica sociocultural; em termos gramscianos, o fascismo é a sociedade civil representada na sociedade política.

Ainda segundo Gramsci, o fascismo teria operado na sociedade italiana como uma tentativa de superação de uma crise cíclica do capitalismo. O fascismo teria sido, portanto, a fase final de um longo processo de decomposição de uma determinada configuração das forças produtivas do capital. Para Gramsci, o fascismo operou “[...] como uma nova forma de reorganização do sistema capitalista sob a lógica de um Estado de Exceção.” (BARBOSA, 2015, p.1).

O fenômeno do “fascismo” não é somente italiano, assim como não é somente italiana a formação do partido comunista. O “fascismo” é a fase preparatória da restauração do Estado, ou seja, de um recrudescimento da reação capitalista, de um endurecimento da luta capitalista contra as exigências mais vitais da classe proletária. (GRAMSCI, 1920 apud BARBOSA, 2015, p.4, tradução nossa).

---

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-07-04/bancada-evangelica-reflete-a-sociedade-conservadora-violenta-e-desigual.html>>;

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-07-15/bancada-evangelica-tenta-dar-as-igrejas-poder-de-questionar-supremo.html>>.



Reich também chamou a atenção para a relação entre cultura repressiva do fascismo e crise econômica. Para o autor, o misticismo tem a função de “desviar a atenção da miséria cotidiana” (REICH, 1988, p.108).

Com o aumento da pressão econômica sobre as massas trabalhadoras, a pressão da moral repressiva também se torna mais rígida. Isto só pode ter a função de evitar a revolta das massas trabalhadoras contra a pressão social, através do reforço dos seus sentimentos de culpa sexual e da sua dependência moral em relação à ordem vigente. (REICH, 1988, p.102).

Sendo assim, podemos concluir que o fascismo é o resultado de uma cultura repressiva patriarcal-mística, pautada no anseio por ascensão social próprio de uma sociedade industrial produtivista, combinada a um contexto de crise econômica e de disputa hegemônica entre os grupos de poder.

E segue-se a lista de todos os “valores culturais” que encaixam na estrutura da ideologia reacionária como as peças de uma máquina: O casamento como um laço, a família como um dever, a pátria como um valor em si, a moral como autoridade, a religião como uma obrigação que emana da eternidade. (REICH, 1988, p.120).

### **Considerações finais: que fazer?**

Passamos por um período da história nacional que poderia ser classificado como, no mínimo, preocupante. O capitalismo neodesenvolvimentista que inseriu amplos setores da sociedade no mercado de bens de consumo, deu mostras de que encontrou limites para sua expansão e perpetuação. Todavia, amplos setores das classes médias que ascenderam socialmente não parecem querer abrir mão das conquistas que o capitalismo petista lhes proporcionou.

Para além da crise política gerada por este contexto, evidencia-se uma ampla obstrução da consciência revolucionária. O canto da sereia dos bens de consumo, outrora inacessíveis, obstrui o desenvolvimento de uma consciência de classe com vistas à superação do sistema sociometabólico do capital. Ao contrário, presenciamos o renascer da socialdemocracia com suas soluções reformistas e a retomada maciça do pensamento liberal com o ideário do *self made man*. A crise do capitalismo mundial - o tsunami desacreditado por Lula em 2008 -

chegou ao Brasil relegando imensos batalhões de trabalhadores à condição de exército industrial de reserva.

Temos, assim, um contexto marcado por uma significativa degradação do padrão de vida da classe trabalhadora e das classes médias (ainda que em graus absolutamente distintos), combinado com a retomada dos ideais liberais no plano econômico e dos valores cristãos-reacionários no plano social. A influência de grupos e de partidos de extrema-direita no cenário político institucional e não-institucional já pode ser sentida. E foi visualizada nas ruas do país que, por sua vez, assistiu incrédulo ao clamor das massas pela destituição sumária da presidenta eleita (além de um sem-fim de ofensas à sua condição de mulher), pelo retorno dos militares ao poder e pelo extermínio dos grupos de esquerda.

Momentos de esquizofrenia coletiva como estes são importantes para que possamos traçar um perfil mais preciso da nossa sociedade. Somos uma sociedade altamente racista, altamente homofóbica, altamente misógina, estruturada sobre pilares morais cristãos repressivos e, conseqüentemente, sobre a defesa irrefletida da família tradicional-patriarcal. Somos uma sociedade ainda presa a dogmas medievais na qual clérigos e pastores-midiáticos determinam os rumos políticos da nação, interferem nas escolhas individuais, julgam e condenam os infiéis jogando-os nas fogueiras de uma guerra santa. Somos uma sociedade na qual as redes sociais e os telejornais são efetivamente instâncias de formação de uma consciência coletiva pouco comprometida com a verdade dos fatos, mas muito afeitas aos linchamentos públicos, virtuais ou efetivamente físicos. Somos uma sociedade à beira de um colapso não apenas econômico, mas civilizatório; na qual, feito rastilho de pólvora, a ideologia fascista emergiu de suas mais profundas entranhas e nos bate à face como se cumprisse um dever profético.

O que fazer frente a esta situação? Como enfrentar a guinada fascista pela qual a sociedade e a política brasileira enveredam? Qual é o papel da esquerda neste certame?

Wilhelm Reich indica, com algum grau de sensatez, que o enfrentamento do modo de vida burguês, da ideologia fascista e da cooptação das classes médias e trabalhadoras por estes setores da sociedade, deve ser uma empreita cotidiana dos grupos de esquerda.

O diminuto apartamento da classe média baixa, que o “proleta” compra logo que tem os meios, mesmo que em outros pontos tenha mentalidade

revolucionária; a conseqüente opressão da mulher, mesmo que ele seja comunista; a roupa “melhor” para os domingos; o estilo “correto” de dançar e outras mil “banalidades” acabam por exercer uma influência incomparavelmente mais reacionária quando repetidos dia após dia do que os efeitos positivos de milhares de discursos e panfletos revolucionários. A tacanhice da vida conservadora tem uma influência contínua, infiltra-se por cada faceta do cotidiano, enquanto o trabalho na fábrica e os panfletos revolucionários só têm uma breve influência. [...] É sobre esses detalhes e não com frases políticas que só provocam um entusiasmo passageiro, que se constrói concretamente o progresso social ou o seu contrário. (REICH, 1988, p.71).

A disputa hegemônica contra o capital não pode ficar circunscrita à política institucional, seja nos partidos ou nos sindicatos. O capital, global por essência, tende a englobar e a se infiltrar nas mais remotas relações humanas. A luta contra a influência do fascismo, bem como a luta pelo fortalecimento das organizações de esquerda deve mirar suas ações nas micro-relações sociais. É preciso resgatar a relação dialética entre a micro-política e a macro-política.

As organizações clássicas da esquerda devem, por sua vez, se alinhar com os novos agentes sociais em emersão e que possuem efetivo potencial aglutinador da juventude, como por exemplo, o Movimento Passe Livre, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o Movimento dos Atingidos por Barragens, o Centro de Mídia Independente, o Mídia Ninja, entre outros. Novas organizações estão surgindo buscando diferenciar-se do centralismo democrático que marcou os partidos comunistas do século XX. Portanto, fazendo coro à afirmação de Silvia Beatriz Adoue, é imprescindível apostar no horizontalismo, pois “[...] as novas gerações querem romper com o verticalismo que preponderou nas organizações partidárias e se estendeu para organizações sociais no contexto do refluxo.” (ADOUE, 2014, p.144). Contra a onda fascista, a esquerda brasileira precisa reinventar suas formas organizativas colocando-se mais acessível à juventude. Mais do que nunca, é necessário ocupar os vácuos; não deixar espaços abertos sobre os quais a extrema-direita possa novamente avançar.

E no curso desta disputa hegemônica, ainda que em desvantagem, a esquerda deve demonstrar de forma rubra e explícita que o ressurgimento do fascismo no Brasil não se propagará sem ferrenha e incansável oposição.

## **THE FASCISM IN INDIGNATION : THE EVENTS OF 2015 IN BRAZIL**

**ABSTRACT:** *This paper aims to contextualize and analyze the 2015 pro-impeachment protests in Brazil. It is stated that such manifestations and the highly reactionary character of them are the result of a political and ideological movement to co-opt the middle classes undertaken by the opposition to the right part of the government of President Dilma Rousseff since 2013. We start with the perspective that a significant portion of protesters of the June 2013 Journey, for its depoliticized and non-partisan character, was decisive to compose the great manifestations of 2015 increasing, however, a reactionary chorus with clear fascist inspiration. This article aims to establish the connection between the waves of experienced protests in the country from 2013-2015 indicating their points of dissonance, but focusing the analysis on what unites them somehow: its nonpartisan character, open space left by the left and cleverly manipulated by the extreme right. The aim is to finally understand how the fascist revolt is a resource used by sectors of the extreme right in economic and hegemonic times of crisis as a mobilizing source of the masses.*

**KEYWORDS:** *Manifestations. Impeachment. Fascism. Fascistization of indignation.*

## **REFERÊNCIAS**

ADOUE, S. B. Vai encarar? In: GONÇALVES, M. B. (Org.). **As jornadas de junho: o significado do retorno das manifestações de massas no Brasil**. Recife: Do Organizador, 2014. p.139-146.

BARBOSA, J. R. Gramsci e a crítica ao fascismo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 8., 2015, Campinas. **Anais...** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2015. Disponível em: <[http://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cem marx/selecao/2015/trabalhos2015/jefferson%20barbosa%2010383.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cem marx/selecao/2015/trabalhos2015/jefferson%20barbosa%2010383.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 11.ed. Brasília: Ed. da UNB, 1998.

BOF, A. Verba para FIES é cortada pela metade e se esgota para 2015. **Esquerda Diário**, São Paulo, maio 2015. Educação. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Verba-para-FIES-e-cortada-pela-metade-e-se-esgota-para-2015-827>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

CAOLI, C.; CAVALLINI, M. Desemprego no segundo trimestre de 2015 tem a maior taxa desde 2012. **G1**, São Paulo, ago. 2015. Economia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/desemprego-ficou-em-83-no-segundo-trimestre-de-2015-diz-ibge.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

CAPES anuncia corte de 75% da verba de custeio da Pós-graduação no país. **Pós-graduando**, jul. 2015. Disponível em: <<http://posgraduando.com/capes-corte-verba-custeio-pos-graduacao/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

CLETO, M. O linchamento como sintoma. **Carta Capital**, São Paulo, jul. 2015. Sociedade. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-linchamento-como-sintoma-2154.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

CORTE no orçamento atinge PAC e programa Minha casa, Minha vida. **G1**, Rio de Janeiro, maio 2015. Jornal Nacional. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/corte-no-orcamento-atinge-pac-e-programa-minha-casa-minha-vida.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

DIAS, L. Fascismo à brasileira. **Pragmatismo**, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/01/fascismo-brasileira.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

GONÇALVES, M. As jornadas de junho e os limites do neodesenvolvimentismo no Brasil. In: GONÇALVES, M. B. (Org.). **As jornadas de junho: o significado do retorno das manifestações de massas no Brasil**. Recife: Do Organizador, 2014. p.158-177.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUERRERO, I. Proposta pela bancada evangélica, 'PEC de Deus' gera discussão. **O Estado**, Brasília, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.oestadoonline.com.br/2015/04/proposta-pela-bancada-evangelica-em-brasilia-pec-de-deus-gera-discussao/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

HENRIGER, C.; BARROS, R. PM aborda ônibus e recolhe adolescentes a caminho das praias da zona Sul do Rio. **Extra**, Rio de Janeiro, ago. 2015. Notícias. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/pm-aborda-onibus-recolhe-adolescentes-caminho-das-praias-da-zona-sul-do-rio-17279753.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

JERONIMO, J. Sobrou até para o Bolsa Família. **Isto é**, São Paulo, n.2374, maio 2015. Brasil. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/420467\\_SOBR OU+ATE+PARA+O+BOLSA+FAMILIA](http://www.istoe.com.br/reportagens/420467_SOBR OU+ATE+PARA+O+BOLSA+FAMILIA)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

LIRIO, S. O hoje e o amanhã. **Carta Capital**, São Paulo, mar. 2015. Política. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-hoje-e-o-amanha-4386.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

LONGO, I. Manifestantes anti-Dilma são agraciados com “Passe livre” no metrô em SP. **SPRESSOSP**, 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://spressosp.com.br/2015/03/16/manifestantes-anti-dilma-sao-agraciados-com-passe-livre-metro-em-sp/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MANSO, B. P.; RIBEIRO, B.; ZANCHETTA, D. Fogo, bombas e depredação no maior protesto contra tarifa. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 jun. 2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,fogo-bombas-e-depredacao-no-maior-protesto-contratarifa-imp-,1041335>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MARANHÃO, F. Repressão da PM a protesto foi mais truculenta que em 88, dizem professores. **Uol**, Curitiba, maio 2015. Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/05/03/repressao-da-pm-a-protesto-foi-mais-truculenta-que-em-1988.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MARCOS Feliciano na Comissão de Direitos Humanos é um insulto ao povo brasileiro. **Actionaid**. Disponível em: <<http://www.actionaid.org.br/stories/marco-feliciano-na-comissao-de-direitos-humanos-e-um-insulto-ao-povo-brasileiro>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MARTELLO, A.; CRUZ, D. Banco Central prevê inflação de 9% em 2015 e possível recessão. **G1**, Brasília, jun. 2015. Economia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/06/banco-central-preve-inflacao-de-9-em-2015-e-possivel-recessao.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MELO, D. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira. In: COLÓQUIO MARX E O MARXISMO, 2015, Niterói. **Insurreições, passado e presente**. Niterói: EdUFF, 2015. p.1-15. Disponível em: <[https://www.academia.edu/15025664/A\\_DIREITA\\_GANHA\\_AS\\_RUAS\\_ELEMENTOS\\_PARA\\_UM\\_ESTUDO\\_DAS\\_RA%C3%8DZES\\_IDEOL%C3%93GICAS\\_DA\\_DIREITA\\_BRASILEIRA](https://www.academia.edu/15025664/A_DIREITA_GANHA_AS_RUAS_ELEMENTOS_PARA_UM_ESTUDO_DAS_RA%C3%8DZES_IDEOL%C3%93GICAS_DA_DIREITA_BRASILEIRA)>. Acesso em: 30 mar. 2016

ORTELLADO, P.; SOLANO, E.; NADER, L. Um desacordo entre manifestantes e os convocantes dos protestos? **El País**, ago. 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/opinion/1439933844\\_328207.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/opinion/1439933844_328207.html)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

OSASCO teve série de assassinatos dias antes de chacina que matou 18. **G1**, São Paulo, ago. 2015. Profissão repórter. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/08/osasco-teve-serie-de-assassinatos-dias-antes-de-chacina-que-matou-18.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PESQUISAS internas do PT apontam Dilma com popularidade menor que Collor, diz revista. **Bahia Notícias**, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/168957-pesquisas-internas-do-pt-apontam-dilma-com-popularidade-menor-que-collor-diz-revista.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PINASSI, M. O. Da democracia formal à radical. In: GONÇALVES, M. B. (Org.). **As jornadas de junho: o significado do retorno das manifestações de massas no Brasil**. Recife: Do Organizador, 2014. p.27-31.

PINHEIRO-MACHADO, R. O Reich tropical: a onda fascista no Brasil. **Carta Capital**, São Paulo, out. 2014. Sociedade. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-reich-tropical-a-onda-fascista-no-brasil-2883.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PINHO, M.; SANTIAGO, T. Nova versão da Marcha da família percorre ruas do centro de SP. **G1**, São Paulo, mar. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/manifestantes-se-reunem-para-nova-versao-da-marcha-da-familia-em-sp.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PM FAZ operação para evitar ‘rolezinho’ em shopping de Aparecida de Goiânia. **G1**, Goiás, nov. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/11/pm-faz-operacao-para-evitar-rolezinho-em-shopping-de-aparecida-de-goiania.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PRIORIDADE do novo mandato de Dilma, Educação sofre corte de R\$ 7 bilhões. **Folha política**, abr. 2015. Disponível em: <<http://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/160000018/prioridade-do-novo-mandato-de-dilma-educacao-sofre-corte-de-r-7-bilhoes>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PROTESTOS no Brasil em 2013. **Wikipédia**. 2016a. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PROTESTOS antigovernamentais no Brasil em 2015. **Wikipédia**. 2016b. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_antigovernamentais\\_no\\_Brasil\\_em\\_2015#cite\\_note-36](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_antigovernamentais_no_Brasil_em_2015#cite_note-36)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

REICH, W. **Psicologia de massas do fascismo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.97, p.23-40, nov. 2013. Dossiê Mobilizações, Protestos e Revoluções. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci\\_arttext&tlng=p#q3](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci_arttext&tlng=p#q3)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

TONET, I. Sobre as atuais manifestações. In: GONÇALVES, M. B. (Org.). **As jornadas de junho: o significado do retorno das manifestações de massas no Brasil**. Recife: Do Organizador, 2014. p.17-26.

TRUFFI, R. Quem são os manifestantes de 16 de agosto. **Carta Capital**, São Paulo, ago. 2015. Sociedade. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/quem-sao-os-manifestantes-de-16-de-agosto-9588.html/>>. Acesso em 30 mar. 2016.

UNIVERSIDADES federais têm um terço dos recursos bloqueados pelo MEC. **G1**, Rio de Janeiro, fev. 2015. Bom dia Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/02/universidades-federais-tem-um-terco-dos-recursos-bloqueados-pelo-mec.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.